

## A INTERNET E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA ESCOLA PÚBLICA

**Ionara Raquel Bencke, Érico Marcelo Hoff do Amaral**

Programa de Pós-Graduação em Mídias na Educação  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
Av. Roraima 1000 - Cidade Universitária - 97105-900 – RS – Brasil

{ionarabencke, ericohoffamaral}@gmail.com

**Resumo.** Este artigo é resultado da investigação do potencial da inclusão da Internet nas aulas de Língua Estrangeira na escola pública. Apoiado na revisão bibliográfica a cerca do assunto, no período de março de 2009 a outubro do corrente ano, foi realizado um estudo de campo, do tipo qualitativo, com alunos das séries finais do Ensino Fundamental de uma instituição de ensino da rede pública do município de Venâncio Aires. Apoiado na observação e na avaliação do processo, a inclusão da Internet como ferramenta pedagógica mostrou-se um meio de vincular o ensino de línguas às ações/relações cotidianas dos alunos, contribuindo no processo da aprendizagem e auxiliando, inclusive, no trabalho docente. É possível aprender Língua Estrangeira na escola pública, cuja instituição representa para a maioria dos alunos, o único lugar de aprendizado de um novo idioma. Assim, é de se esperar que seu ensino seja eficaz e de qualidade, garantindo o acesso ao direito de formação integral a fim de que os indivíduos possam exercer a sua cidadania e utilizar o conhecimento adquirido como mecanismo de inclusão social.

**PALAVRA-CHAVE:** Internet, Língua Estrangeira, Escola Pública, Aprendizagem.

***Abstract.** This article is the result of study from the potential of the Internet inclusion in foreign language classes in public schools. Based on the literature review about the subject, from March 2009 to October of this year, was made a qualitative study with students from the final series of elementary education in a public education institution from the city of Venâncio Aires. Based on observation and evaluation of the teaching and learning process, the inclusion of the Internet as a pedagogical tool proved to be a means of linking language learning to the actions and everyday students relationships in the learning process. You can learn a foreign language in public school, an institution that represents, for most students, the only place of learning a new language. Thus, it is expected that the teaching is incisive and with quality, guaranteeing anybody's right to integral education so that all can exercise their citizenship and use the knowledge gained as a mechanism of social inclusion.*

**KEYWORDS:** Internet, Foreign Language, Public Schools, Learning Process.

## 1. INTRODUÇÃO

O ensino de pelo menos uma língua estrangeira é dever da escola. No caso dos alunos da escola pública, cuja instituição representa, para a maioria, o único lugar de aprendizado desse idioma, é de se esperar que seu ensino seja eficaz e de qualidade, possibilitando-lhes o acesso ao direito de formação integral do indivíduo a fim de que possam exercer a tal “cidadania” proclamada em todos os planos escolares e utilizar o conhecimento adquirido como mecanismo de inclusão social. Cabe à escola encontrar maneiras de garantir que essa aprendizagem deixe de ser uma experiência frustrante ao aluno, diminuindo a distância entre o saber sistemático e institucionalizado e a real construção do conhecimento pelo próprio educando.

Também é responsabilidade da escola a compreensão das novas tecnologias. E se vivemos na era digital, onde são os progressos científicos e avanços tecnológicos que definem as exigências para aqueles que ingressarão no mercado do trabalho, que está cada vez mais criterioso, a ponto de elevar o índice de analfabetismo funcional, não podemos, então, fechar as portas das salas de aula e ignorar as contribuições que as novas tecnologias trazem aos educandos. Parte já pertencem à era do ciberespaço: eles fazem *downloads* (baixam músicas, vídeos e imagens da rede mundial de computadores), enviam e recebem *e-mails* (correspondência eletrônica), fazem novas amizades em sítios eletrônicos de relacionamento como o *Orkut*, o *Sonico*, o *Twiter* e o *Facebook*, conversam com amigos nas salas de bate-papo e no *MSN Messenger* (programa de mensagens instantâneas), criam agendas eletrônicas (*Blog*). Quem não tiver conhecimento mínimo de uma segunda língua e certo domínio na área das novas tecnologias, será excluído dessa sociedade cibernética.

Então é função da escola encontrar meios para que tanto o ensino de línguas quanto essa compreensão das novas tecnologias, seja efetivo, propiciando ao educando sua formação integral. É nesse panorama que se buscou, com a inclusão da Internet no processo ensino e aprendizagem, uma luz para o que parece impossível: aprender línguas na escola pública. E com a atual política de inclusão digital dos nossos governantes, o computador conectado à Internet não é mais sonho nos educandários da rede pública. Os laboratórios de informática interligados a uma rede de milhões de computadores em escala mundial estão disponíveis para professores e alunos. Como ignorar este fato e deixar de usufruir das possibilidades de emprego na educação?

Para o aprendizado da Língua Estrangeira, componente curricular que ainda não é contemplado no Plano Nacional do Livro Didático – PNLD (programa do Ministério da Educação e Cultura voltado à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino), este recurso pode contribuir muito no processo ensino-aprendizagem deste componente curricular, pois os alunos da escola pública não dispõem de recursos financeiros para adquirir livros, dicionários e outros materiais que facilitariam o ensino de línguas, que se encontra muito deficitário nesta esfera de ensino.

Assim, tomando como base o referencial teórico a cerca do assunto, pretende-se, neste artigo, fazer uma avaliação do potencial da inclusão das novas tecnologias, mais precisamente da Internet, nas aulas de Língua Estrangeira. Para isso, realizou-se um estudo de campo através de uma pesquisa qualitativa com turmas das Séries Finais do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de Venâncio Aires/RS. E, para avaliar esta mídia, tomou-se como base a observação do desempenho escolar, levando em consideração a construção de conhecimentos decorrentes dos conteúdos curriculares trabalhados, o interesse, o espírito de busca, participação nos trabalhos individuais e de grupo, como também quanto à construção de atitudes conscientes em relação ao uso da Internet.

E, para uma melhor compreensão, este artigo está estruturado em seis seções, conforme o roteiro a seguir. A seção dois apresenta o referencial teórico que dará suporte ao tema aqui desenvolvido, onde na seção 2.1 enfoca-se um pouco da literatura a cerca do papel da escola pública no que diz respeito ao ensino da Língua Estrangeira, como também a compreensão das novas tecnologias, enquanto que na seção 2.2 apresentamos possibilidades de uso pedagógico da Internet nas aulas de línguas; a seção três descreve a metodologia usada para este estudo de campo; a seção quatro o desenvolvimento da pesquisa e seu funcionamento, ou seja, a implementação do projeto. Na seção cinco algumas discussões a partir dos resultados alcançados são referenciadas. A seção seis encerra este trabalho com as considerações finais.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Este referencial apresenta uma revisão bibliográfica que dará suporte ao tema aqui desenvolvido, onde na seção 2.1 desenvolvem-se alguns aspectos da literatura a cerca do papel da escola pública no que diz respeito ao ensino da Língua Estrangeira,

como também à compreensão das novas tecnologias, enquanto que na seção 2.2 apresentam-se possibilidades de uso pedagógico da Internet nas aulas de línguas.

### **2.1 A escola pública, o ensino de língua estrangeira e as novas tecnologias**

O ensino da Língua Estrangeira, segundo os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais: referências de qualidade para os Ensinos Fundamental e Médio do país, elaboradas pelo Governo Federal), é parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado. Nesse âmbito, a escola deve ser um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior.

Considerando ainda o que preconizam o artigo 32º da LDB (LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição brasileira) e as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a escola também é responsável pela compreensão da tecnologia. Assim, deverá proporcionar instrumentos que levem o aluno não apenas a adquirir conhecimentos, mas dominar os instrumentos do conhecimento.

A escola deve levar o educando a *“aprender a gerenciar um conjunto de informações e torná-las algo significativo”* (Moran – 2001). Ao utilizar a Internet como recurso pedagógico em sala de aula, o professor poderá encontrar uma maneira de concretizar a construção deste saber significativo. Além do mais, o aprendizado pode se tornar mais atrativo, motivante, desafiador e autônomo, favorecendo o desenvolvimento da competência comunicativa em Língua Estrangeira, contribuindo, inclusive, na prática pedagógica do educador. Sem mencionar que as tecnologias encantam e seduzem, sendo possível criar usos múltiplos e diferenciados para as mesmas.

É necessário, porém, que o professor seja criterioso ao fazer suas escolhas, levando em consideração o contexto educacional em que atua, os propósitos e as possibilidades que estes recursos representarão ao processo de aprendizagem. É preciso, ao planejar uma aula a partir de uma atividade disponível na Internet, levar em conta os conhecimentos prévios que serão necessários aos alunos, o nível da linguagem, os objetivos que o professor quer alcançar com esta atividade e como a avaliação será processada.

A inclusão da Internet no ensino formal é inevitável. Se a escola não o fizer, de forma orientada, a vida real, do lado de fora das paredes do educandário, o fará. Ensinar a usar esta mídia também é necessário. A Internet seduz pelas possibilidades que ela representa aos alunos da escola pública, onde o computador ainda não chegou aos modestos lares. Tudo que é novo gera mais emoção, prazer, vontade de aprender.

E para as aulas de Língua Estrangeira, este é um fator que não pode ser ignorado. Muitas são as possibilidades em que o professor pode utilizar a Internet como ferramenta de ensino. Como complementação e expansão dos assuntos discutidos em sala de aula (pesquisas), *sites* educacionais, na criação de endereço eletrônico (*e-mail*), *blogs*, grupos de discussão, videoconferência, jogos e atividades *on-line*, e até mesmo explorando alguns programas instalados no próprio computador (editor de texto e de apresentação eletrônica) podem oferecer material para as interações e construção da aprendizagem. Moran (2001), diz que “*A chave do sucesso está em integrar a Internet com as outras tecnologias - vídeo, televisão, jornal, computador. Integrar o mais avançado com as técnicas já conhecidas, dentro de uma visão pedagógica nova, criativa, aberta.*”

Ao introduzirmos a Internet como instrumento educacional, faz-se necessária a mudança no paradigma educacional. O professor não é mais aquele que “sabe tudo”. As informações estão no mundo *WWW (World Wide Web)*, e, mestre e pupilo, lado a lado, irão aprender juntos nesta rede de múltiplas possibilidades e caminhos. Pensando-se que a aprendizagem, neste contexto, aconteça de forma mais autônoma, o educador deixa de lado sua função de informar, e assume postura mediadora e facilitadora. Ele não dita conteúdos, mas organiza o processo. É como um maestro que harmoniosamente conduz todos os seus músicos para um objetivo comum. No caso da educação, a tão preconizada construção do conhecimento para que educandos possam atuar com competência e dignidade na sociedade em que se encontram inseridos. Perrenoud (2001, p.172) diz que “*é fundamental que o profissional de educação invista em tecnologia inovadora, contribuindo para que seus aprendizes encontrem seus próprios modos de construção*”.

“*No ciberespaço, o saber não pode mais ser concebido como algo abstrato ou transcendente. Está se tornando cada vez mais evidente — e até tangível em tempo real — que esse saber expressa uma população*” (Levy,1999). Neste contexto, o saber é fruto do próprio processo, não mais podendo ser planejado e nem precisamente definido com antecedência. É o *saber-fluxo, o saber-transação* de conhecimento.

Segundo pesquisa publicada no site *English made in Brazil*, disponível em <http://www.sk.com.br/tendencias.ppt>, 90% do conteúdo da Internet está na Língua Inglesa, como também 75% de toda comunicação internacional por escrito. É na Internet que podemos encontrar este *saber-fluxo*, real, concreto. E, queira-se ou não, as novas tecnologias, em especial a Internet, adentram os ambientes escolares e passam a fazer parte do meio escolar com uma rapidez incontrolável, independente de julgamentos de valor e da maneira como se lida com tudo isso.

Para muitos educadores a Internet representa o vilão da história. Por ser uma inesgotável fonte de conhecimentos, acaba gerando sensação de atraso, de desatualização e de uma certa inversão na hierarquia em sala de aula, uma vez que muitos alunos poderiam vir a saber mais do que o próprio professor. Seria algo como uma crise de identidades. Quem ensina e quem aprende?

As crianças têm muito mais facilidade de lidar com o computador do que aquele professor que insiste na velha reprodução mimeografada. O professor precisa de formação para entender este novo tempo e adquirir habilidades para lidar com o computador, de maneira que possa desenvolver competências que o ajudem a tornar a tecnologia uma ferramenta tão comum em sala de aula como o livro didático. Mas para que isso aconteça de fato, e que realmente haja aprendizagem com o uso desta tecnologia, precisa-se de educadores mais críticos, conscientes e preparados para as transformações sociais decorrentes aos avanços tecnológicos. Pressupõe-se, então, que a formação de professores, hoje em dia, deve estar preocupada em preparar os profissionais da educação para lidarem com estas inovações e suas consequências pedagógicas.

Lévy (1999) diz que um professor do século XXI deverá ser “*arquiteto cognitivo*” e um “*engenheiro do conhecimento*” na era da “*cibercultura*”. O professor não pode ser mais um “... *difusor de saberes já instituídos, mas sim o animador da inteligência coletiva, estimulador da troca de conhecimentos entre os alunos*”, “...*capaz de desenvolver estratégias metodológicas que levem os alunos a construir seu aprendizado contínuo de forma autônoma e integrada, fazendo uso crítico da tecnologia*”.

Marshall, Motta-Roth & Reis (2005), partem de três crenças para o entendimento do ensino mediado pelo computador:

“(1) o aluno deve ser co-responsável pelo processo de aprendizagem junto com os colegas e o professor; (2) o conhecimento é construído no engajamento do aluno em situações efetivas de uso da linguagem, isto é, quando a aprendizagem é parte de uma atividade humana, social, contextualizada, de tal forma que a aprendizagem resulte da dinâmica da interação humana; e (3) a aprendizagem se dá na interação aluno-meio.”

A Internet, porém, não é a solução dos problemas da educação:

“Não podemos ver a Internet como solução mágica para modificar profundamente a relação pedagógica, mas ela pode facilitar como nunca antes, a pesquisa individual e grupal, o intercâmbio de professores com professores, de alunos com alunos, de professores com alunos. A Internet propicia a troca de experiências, de dúvidas, de materiais, as trocas pessoais, tanto de quem está perto como longe geograficamente. A Internet pode ajudar o professor a preparar melhor a sua aula, a ampliar as formas de lecionar, a modificar o processo de avaliação e de comunicação com o aluno e com os seus colegas.” (José Manuel Moran: “Novos desafios na educação - a Internet na educação presencial e virtual”)

Então, conhecer as novas tecnologias, pesquisar, analisar e fazer uma reflexão crítica sobre as possibilidades viáveis para o ensino de Língua Estrangeira, é uma tarefa desafiante que exige mudança na postura do professor.

“Educar é colaborar para que professores e alunos nas escolas e organizações - transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional - do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e de trabalho e tornar-se cidadãos realizados e produtivos.” (José Manuel Moran: “Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias”)

Mudar a forma de ensinar nunca foi tão necessário. Currículos que norteiam o trabalho docente precisam passar por revisão, afinal, em se pensar num mundo globalizado, com novas tecnologias surgindo a cada momento, não se pode duvidar da necessidade cada vez maior de dominarmos pelo menos uma língua estrangeira, mesmo sendo aluno de escola pública, que pode e deve ser um espaço de aprendizagem desta língua.

## **2.2 A Internet e as aulas de língua estrangeira**

No âmbito da LDB, a Língua Estrangeira encontra-se integrada à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e é parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais ao educando. Isto significa que ele tem o direito de aprender a comunicar-se de maneira adequada usando esta língua.

O ensino de línguas, na escola pública, enfoca apenas o conhecimento metalingüístico e a memorização de regras gramaticais e de vocabulário descontextualizado. A escola vem se abstendo da responsabilidade sobre o ensino de línguas. Quando o aluno quer aprender de fato uma língua estrangeira, é orientado a procurar cursos extracurriculares. Será impossível aprender línguas na escola pública?

É preciso reavaliar as concepções de ensino, procurar novos meios para que a aprendizagem aconteça de fato, tornando as aulas atrativas aos nossos alunos. E para que isso aconteça, é imprescindível usar todas as tecnologias que a escola dispõe, integrando o tradicional com o inovador, aproximando as situações de aprendizagem à realidade cotidiana dos estudantes.

Não é possível continuar pensando que aula de línguas é seguir um livro didático, memorizar regras gramaticais, repetir vocábulos e exercícios de fixação em situações descontextualizadas, irreais, se existe um mundo de verdade ao acesso dos educandos. É fundamental conferir ao ensino um nível mais amplo, ou seja, levar o aluno a comunicar-se, com competência, em diferentes situações da vida cotidiana, contribuindo para sua formação geral como cidadão.

Usando a Internet, é possível desenvolver a fala, escuta, leitura e escrita ao mesmo tempo, com foco na construção e prática de vocabulário e gramática em situações contextualizadas, atuais e de interesse dos educandos.

E, para os alunos da escola pública, usar o computador ainda é algo novo e se torna uma experiência excitante aprender línguas usando esta mídia, cujo acesso, para a maioria, só é possível na escola. Aos poucos, as aprendizagens são construídas. Por si só, eles descobrem que a maioria das informações na Internet estão em inglês, e que podem usar esta língua para se comunicar com pessoas do mundo todo, e não somente com falantes nativos.

Receber uma atividade escolar via endereço eletrônico, certamente gera mais prazer do que copiá-la do quadro. Tornar o ensino mais motivador é um dos fatores essenciais para uma política de renovação da educação. É necessário estimular o desejo de saber, de ir além dos planos curriculares. E se temos computadores conectados à rede mundial de informações, porque não usar este recurso em sala de aula?

Existem inúmeros endereços eletrônicos pelos quais professores e alunos podem praticar, aprender e interagir com pessoas falantes nativas, ou não, da Língua Inglesa. Sem mencionar os vários *sites* de apoio pedagógico ao professor, que oferecem desde

simples jogos à planos de aula completos. Mas é de responsabilidade do professor fazer a seleção do que for mais adequado a sua sala de aula.

A Internet também pode ser usada como fonte de informação atualizada para a realização de atividades de pesquisa e pode contribuir para um conteúdo que esteja sendo estudado e discutido pela turma. Neste momento, o professor deve orientar os alunos na escolha de endereços eletrônicos que abordem o tema proposto, uma vez que a Internet, como fonte de informação infinita, contém muitos endereços cuja veracidade das informações pode ser muitas vezes duvidosa e até falsa. É necessário discutir com os alunos sobre essas fontes de informação no sentido de desenvolver neles um senso crítico de uso para que não haja uma valorização cega ou ingênua com relação a tudo que se encontra na rede.

Para usar a Internet é preciso, antes de tudo, que o professor elabore muito bem o seu plano de aula e selecione cuidadosamente os endereços eletrônicos que serão utilizados na atividade. É fundamental que o professor analise o conteúdo do *site* antes de repassá-lo aos estudantes, verificando se o nível de conhecimento lingüístico dos alunos é suficiente para a compreensão das informações contidas na página, evitando-se, assim, uma possível frustração que levaria o aluno a não conseguir realizar a tarefa proposta.

Sem dúvida, uma das maiores vantagens em desenvolver uma pesquisa usando a internet, é a rapidez com que se encontra o que se está procurando. No entanto, “pesquisar” não é “copiar”. Um texto transcrito da Internet para um editor de texto, anexado a uma capa de trabalho, jamais pode ser considerado uma pesquisa escolar. Isso é comum acontecer, mas faz perder todo o sentido, o objetivo metodológico da aprendizagem, pois, muitas vezes, o aluno apenas reproduz informações que nem sequer leu. Para Demo (2004: 92):

“Pesquisa não pode ser feita aos solavancos, ou aos pedaços, mas sistematicamente. Levantar dados é apenas o começo de conversa. O importante é “analisar” dados, produzindo texto inteligente. Pesquisa implica projeto coerente metodológico e teórico: o que se quer mostrar e como se vai fazer isso, onde se quer chegar e como se chega até lá, que problema queremos enfrentar e como o faríamos passo a passo.”

O professor deve propor aos alunos uma situação-problema, ao invés de uma simples apresentação do tema da pesquisa. No lugar, por exemplo, de lançar uma pesquisa sobre “*New York City*”, o professor pode elaborar uma questão ou problema: “*Why do people refer to New York as The Big Apple?*” (Por que Nova York é conhecida

como a Grande Maça?) ou “*Which places would you like to visit in New York? Why?*”(Quais lugares você gostaria de visitar em Nova York? Por quê?). Esse tipo de questão leva o aluno a selecionar as informações colhidas, de maneira a respondê-la e não apenas copiar o material da Internet.

E, para uma maior segurança no uso da internet, é aconselhável que, antes do trabalho pedagógico propriamente dito, professor e alunos elaborem ou pesquisem dicas de segurança e orientações quanto ao uso consciente da Internet. As “Netiquetas”, que são cartilhas de etiqueta na Internet, estão disponíveis em diversos sítios eletrônicos, como, por exemplo, em <http://www.cultura.ufpa.br/dicas/net1/lis-neti.htm>.

Assim como a pesquisa, os jogos pedagógicos que encontramos em inúmeros endereços eletrônicos também podem contribuir muito na aprendizagem da Língua Estrangeira. E, segundo Sneyders (1996), é de suma importância à utilização da ludicidade no processo ensino-aprendizagem, pois esta permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real e leva o aluno a realizar suas próprias descobertas. Ele também afirma que educar é ir em direção da alegria. E se os alunos estão lendo, traduzindo (mesmo que façam uso de algum tradutor) e compreendem as instruções de um jogo para aplicá-las com prazer e satisfação, certamente algum saber ficará desta atividade.

Não se pode deixar de mencionar os inúmeros sítios eletrônicos que oferecem a possibilidade da realização de atividades *on-line*. Há muita oferta, mas antes de levar estas atividades aos alunos, o professor deve avaliar o exercício que pode ter erros ou não estar de acordo com a proposta da aula. Então, se o professor trabalhou o *Present Tense*, por exemplo, os exercícios de fixação podem ser feitos nestes ambientes, que oferecem a possibilidade da autocorreção e de rever os erros. Em sala de aula, é muito difícil o educador conseguir corrigir de forma individual as atividades realizadas, sem mencionar que alguns alunos nem se dão ao trabalho de realizar as mesmas quando estas precisam ser copiadas do quadro ou quando o professor não for avaliar o exercício. Fato que não acontece com as atividades *on-line*. E quando estas são de pontuação, percebe-se que há uma necessidade em refazer o exercício até atingir o limite máximo.

Outra possibilidade é *blog* (agenda eletrônica), que também pode ser utilizado como auxiliar no processo ensino-aprendizagem da Língua Inglesa. Segundo Margarida Elisa Ehrhardt, em seu artigo “*A Utilização Do Blog Na Educação*”, trata-se de um recurso interativo que pode ser usado como espaço de divulgação pessoal, de mostrar a identidade, mas também representa uma via para os alunos se expressarem, tornarem

suas idéias, pensamentos, opiniões, sugestões e pesquisas visíveis para um possível leitor e isto certamente confere uma dimensão mais significativa aos trabalhos realizados.

Na aula convencional de Língua Estrangeira, os alunos produzem textos sobre tópicos que o professor determina, tendo como leitor, com raras exceções, o próprio professor e com a única finalidade avaliativa. Nestas atividades não há trocas, interação, e conseqüentemente, a comunicação é inexistente. Ao publicar o seu texto no *blog*, esta produção passa a ter outro significado. Agora se trata de um evento comunicativo no qual o educando se engaja não apenas como um aluno escrevendo um texto que será lido e avaliado pelo professor, mas principalmente como um indivíduo social participando de um evento comunicativo em que age no mundo e interage com outras pessoas através da Língua Estrangeira.

Também há os clubes de correspondentes, os *penpal* ou *keypal friends*, como os disponíveis em <http://www.interpals.net/index.php> e em <http://penfriends.com.au/>. São clubes que tem por objetivo fazer novas amizades por correspondência, com possibilidades de aperfeiçoamento de uma língua estrangeira, troca de experiências, conversa em tempo real. É uma maneira de aluno e professor entrarem em contato com falantes nativos ou falantes de inglês como segunda língua, encontrando amigos para correspondência por *e-mail* ou por correio convencional, dentro e fora da sala de aula, não como uma atividade obrigatória, mas por prazer.

O professor, neste contexto, será mediador da atividade, auxiliando e orientando quando as dúvidas não forem resolvidas. “*Ensinar utilizando a Internet pressupõe uma atitude do professor diferente do convencional. O professor não é o “informador”, o que centraliza a informação. A informação está em inúmeros bancos de dados, revistas, livros e endereços de todo o mundo*” (MORAN, 2009). Mas estará o professor da escola pública preparado para esta mudança? Para mediar as descobertas e aprendizagens neste espaço de múltiplas possibilidades, o educador precisa estar muito bem preparado, sem medo do novo. Precisa de formação como a oferecida pela especialização Mídias na Educação<sup>1</sup>. Só assim poderá enfrentar as novas tecnologias e mudar a forma de ensinar, levando aprendizagens significativas não apenas para as aulas de língua estrangeira, mas também para os demais componentes curriculares.

---

<sup>1</sup> Programa de educação a distância, com estrutura modular, desenvolvido pela Secretaria de Educação a Distância (SEED), em parceria com Secretarias de Educação e Universidades Públicas, que visa proporcionar formação continuada para o uso pedagógico das diferentes tecnologias da informação e da comunicação (TICs) aos professores da rede pública do país.

### 3. METODOLOGIA

Este estudo é do tipo estudo de campo, que, segundo Duarte (2002):

“...é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.”

Assim, com base na revisão bibliográfica a cerca do assunto e nas aprendizagens construídas ao longo da especialização Mídias na Educação, buscou-se este modo diferente de olhar a sala de aula e pensar o processo ensino-aprendizagem. Como fazer com que as aulas de Língua Estrangeira se tornem atrativas aos nossos educandos, levando-os a aprendizagem? Com o problema delimitado, este estudo, envolvendo alunos das séries finais do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Venâncio Aires/RS, tenta mostrar que é possível aprender Língua Estrangeira na escola pública, e para isso procurou-se investigar a potencialidade da inclusão da Internet no processo, avaliando e encontrando possibilidades para esta esfera de ensino.

Após um diagnóstico das turmas e planejamento guiado pelo plano de estudos da série, as atividades no espaço virtual foram assim formatadas: 5ª e 6ª série, jogos e exercícios de fixação; 7ª e 8ª série, pesquisas, *e-mail*, *blog*, clube de correspondentes, exercícios de fixação. Desta forma, de março de 2009 a outubro do corrente ano, buscou-se avaliar a inclusão da Internet no processo ensino-aprendizagem das aulas de línguas. Vale salientar que todos os procedimentos no ambiente virtual foram parte do processo, e que nenhuma atividade foi realizada de forma descontextualizada, cumprindo-se, assim, os conteúdos delimitados para a série em questão. As formas tradicionais de abordagem de um conteúdo, como a aula expositiva, discussão de temáticas, exercícios e provas escritas continuaram a ser praticadas concomitante com a introdução da nova mídia, como também com outras mídias disponíveis na escola, e que toda prática na ambiente virtual foi amplamente planejada e orientada, sempre procurando se fazer uma avaliação processual após cada tarefa/atividade. Avaliação esta, que servia de apoio às atividades subsequentes, comprovando a flexibilidade do processo, e a possibilidade de optar por novos caminhos.

#### 4. IMPLEMENTAÇÃO

Motivar os alunos para a aprendizagem de uma Língua Estrangeira, que vinha sendo feita apenas como uma “decoreba” para as avaliações, não foi tarefa fácil. Frases como: *“Para que aprender Inglês se nunca sairei do Brasil?”*, *“Não sei no que isso irá mudar a minha vida!”*, foram as respostas iniciais. Mas, aos poucos, tudo foi mudando.

A escola havia recebido recentemente um laboratório de informática, com acesso a Internet, que não estava sendo explorado pedagogicamente. Por que isso estava acontecendo? Em conversas informais durante os intervalos a resposta foi se formalizando. Declaradamente era a falta de tempo que era tida como o vilão da história, mas percebia-se que era principalmente o despreparo do educador que não sabia como explorar esta ferramenta, ou ainda o receio de saber menos do que os próprios alunos. Durante as trocas de experiências em um dos encontros da área de línguas da rede municipal de Venâncio Aires, este fato também se confirmou.

No presente estudo, a falta de formação do educador não era o empecilho para a implementação desta mídia. O tempo, sim, parecia ser um dificultador. Apenas duas aulas semanais de 45 minutos, e, algumas ainda em dias alternados. Mas como as novas tecnologias encantam e seduzem, o que parecia impossível começou a se concretizar: a construção de conhecimentos significativos em Língua Estrangeira.

A sondagem do público-alvo foi o ponto de partida. Dos 109 alunos das séries finais, apenas 23 tinham computador em casa, e destes só 11 com acesso a internet (Figura 01). Parecia meio improvável usar a informática em contexto pedagógico com alunos que nem sequer sabiam ligar o computador. Mas não foi necessário dedicar aulas para resolver esta lacuna. Na medida em que esta mídia ia se fazendo presente no processo, seduzidos pelo novo, os alunos iam se apropriando da máquina e as aprendizagens sendo concretizadas.

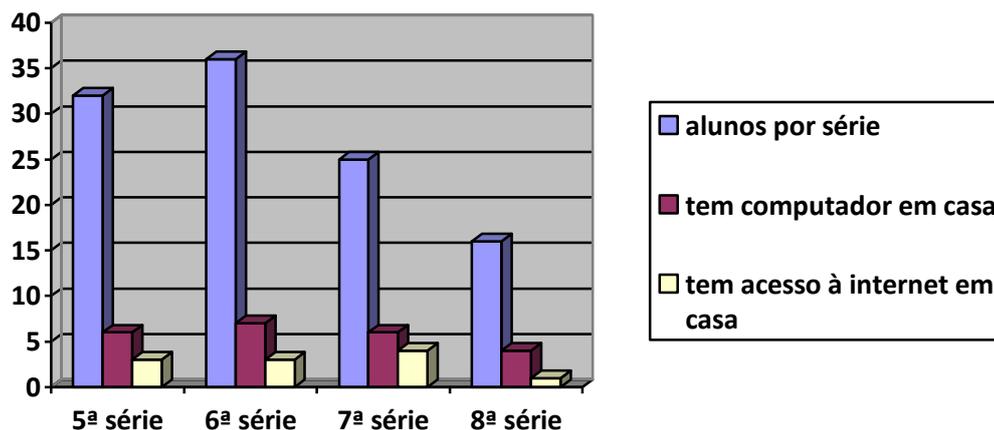


Figura 01 – alunos por série envolvidos no estudo e realidade quanto à presença do computador e internet nos lares.

A 7ª e a 8ª série iniciaram com a criação do endereço eletrônico, trocas de correspondências virtuais, pesquisas relacionadas à introdução pedagógica desta mídia em aula, ao uso seguro da Internet e construção de “Netiquetas” em apresentações eletrônicas que eram socializadas com o auxílio do projetor. As atividades realizadas no laboratório começaram a ser passadas por e-mail. Era evidente a motivação e o prazer com que recebiam a tarefa neste meio. Nem as duas aulas semanais, aliado ao fato de só haver dez computadores no laboratório, e as turmas serem bem mais numerosas, passaram a representar impedimento para a realização das tarefas por todos. Aqueles que não conseguiam realizá-las em aula, passaram a vir espontaneamente em turno oposto para concluí-las.

Para a criação do *blog*, foi enviado ao endereço eletrônico de cada um (Figura 02), um *link* para visitação e apreciação e um tutorial que mostra como montar uma agenda eletrônica. Com o passo-a-passo em mãos, foram dando forma e vida aos *blogs*, que passaram a representar uma via de expressão não apenas para as aulas de línguas. Como recurso interativo, pode ser um espaço de divulgação pessoal, de mostrar a identidade, mas também como um espaço onde as idéias do aluno, seus pensamentos, opiniões, sugestões e pesquisas ficam visíveis para além da avaliação do professor. Há a possibilidade de se estar escrevendo para um leitor do outro lado do mundo e isto certamente confere uma dimensão mais significativa aos trabalhos realizados.

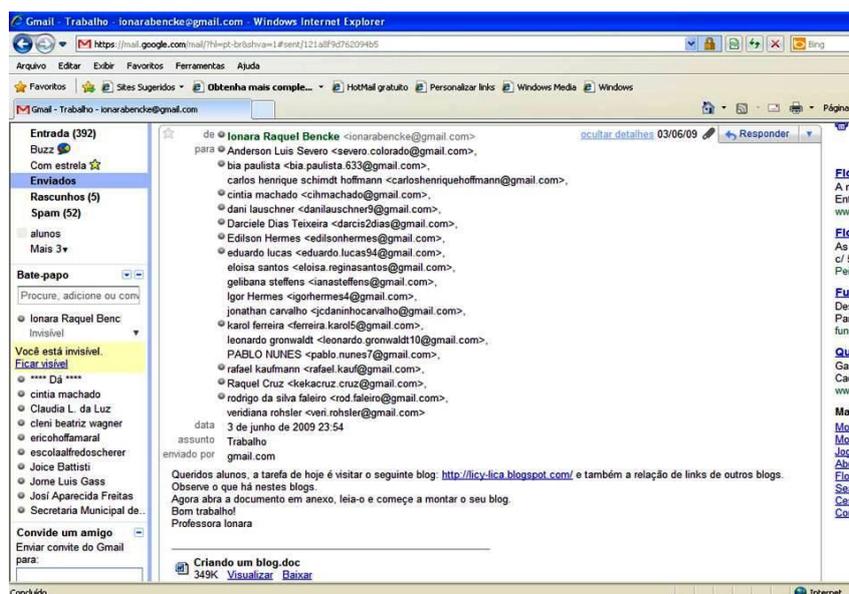


Figura 02 – E-mail com tarefa enviado para alunos

Com o *blog*, as atividades não deixaram mais de ser realizadas. Pesquisas, como o trabalho sobre cores e seus significados (Figuras 03 e 04) ajudaram a desenvolver a produção textual, o trabalho com o falar e ouvir, e também a possibilidade do aluno mostrar um pouco do que sente e pensa e de aceitar ou não o que o texto traz como verdade.



Figura 03 – Atividade postada no *blog* do professor

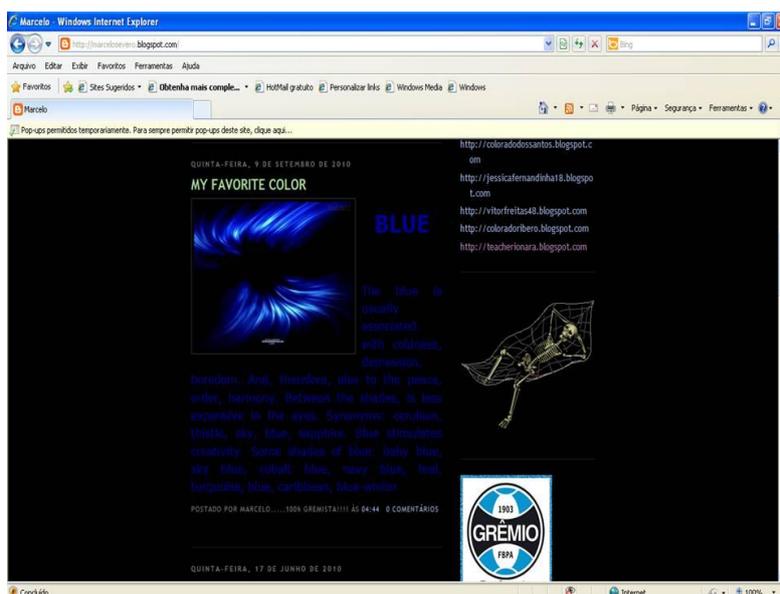


Figura 04 – Blog de aluno com atividade realizada

O perfil (Figura 05), também é uma possibilidade de produção escrita individual no *blog*. Mesmo sendo este tipo de atividade também desenvolvido em situações convencionais (escrever sobre si para ser lido e avaliado pelo professor), no ambiente virtual esta produção adquire outra concepção. Mesmo sabendo que era uma atividade proposta em aula e seria também usada como avaliação, a preocupação dos alunos não era com esta. Eles estavam escrevendo para um leitor desconhecido, que estava por ali não para avaliá-los, mas para conhecê-los. Não poderia ter equívocos. E esta preocupação mostra-se como uma constante nas atividades em ambiente virtual. Não havia a necessidade de ficar exigindo trabalho atrasado ou solicitar a reconstrução do mesmo.

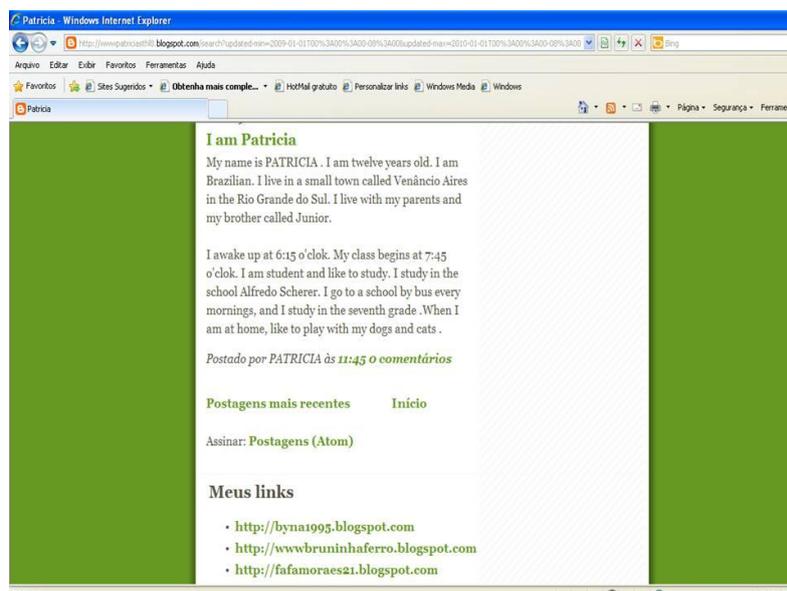


Figura 05 – Produção individual registrada em blog de aluno.

Outra atividade possível no *blog*, e que pode ser selecionada para o desenvolvimento da capacidade comunicativa do aluno no idioma estrangeiro, representando situações reais de comunicação, é a visitação, leitura e comentários na agenda de outras pessoas (Figura 06). Em aula, estas atividades são sempre guiadas para que haja seriedade e aos poucos vão se tornando rotina e as construções se socializando.

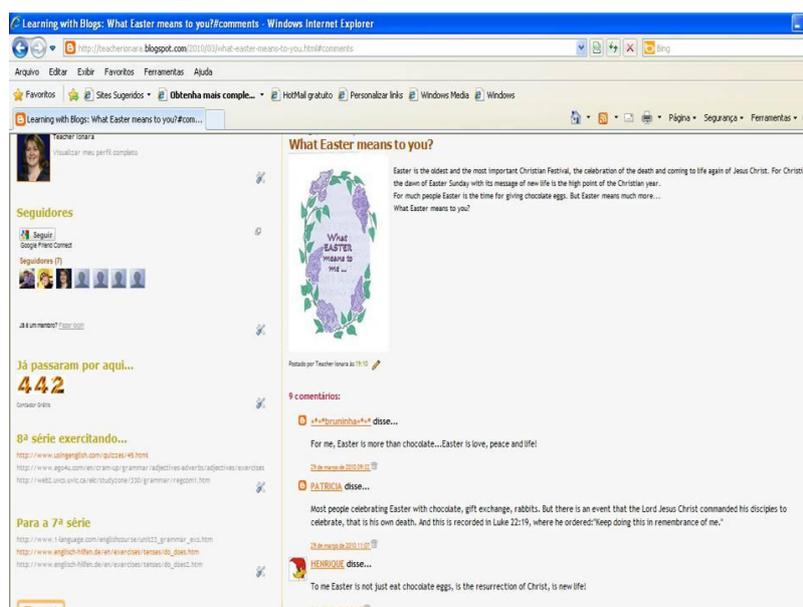


Figura 06 – Comentários de alunos no *blog* da professora

Há na rede inúmeros sites de jogos educativos (Figura 07), que configuram uma aprendizagem mais atrativa àqueles que estão tendo o seu primeiro contato com a língua estrangeira. Os jogos trabalham tanto com o vocabulário escrito quanto o oral. E se eles estão lendo as instruções numa língua, que não a sua, e jogando com prazer, mesmo que compartilhando o computador entre três, estão realizando aprendizagens. O lúdico faz parte da vida do ser humano, independente de idade. E levar a ludicidade para as aulas de línguas corrobora a sua eficiência no processo de aprendizagem. É como afirma Almeida:

“A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.” (Anne Almeida, *Ludicidade como Instrumento Pedagógico*)

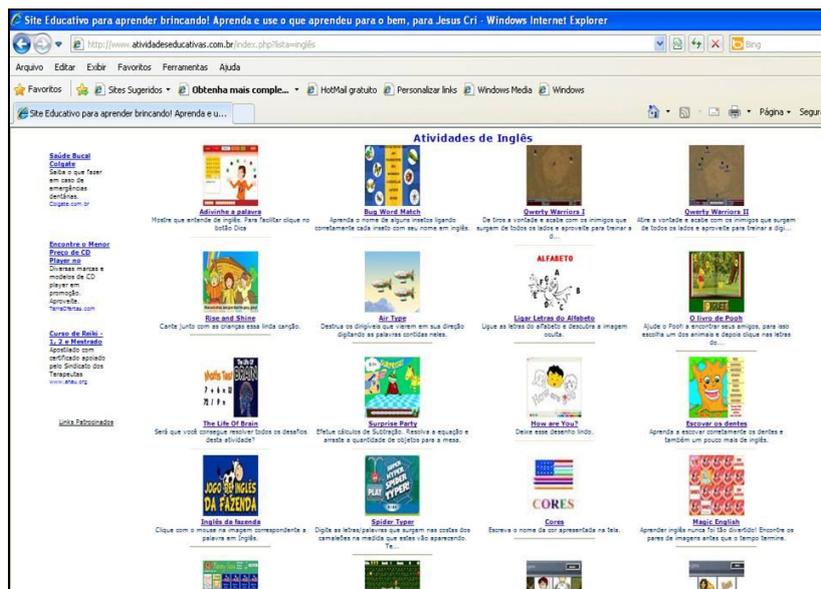


Figura 07 – Site com jogos educativos na Língua Inglesa

Sítios eletrônicos, como os disponíveis nos endereços <http://www.usingenglish.com/>, <http://www.english-hilfen.de/en/index.htm>, <http://www.inglesonline.com.br/exercicios-de-ingles/> e <http://www.englishexercises.org/>, que oferecem exercícios de fixação gramatical, também foram explorados (Figura 08). Nestes ambientes, as atividades se tornam mais atrativas aos educandos, sendo possível aplicar os conteúdos desenvolvidos numa aula expositiva, integrando mídias tradicionais com inovadoras.

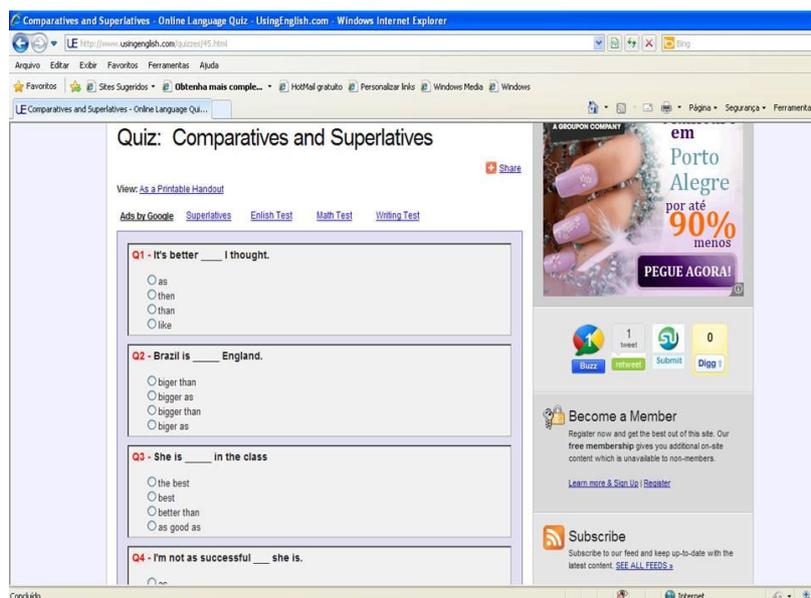


Figura 08 – Site com exercícios de fixação gramatical

Na Figura 09, alunos consultando o caderno para resolver atividades *on-line*. Em sala de aula, estas nem sempre são realizadas por todos. No ciberespaço, isso não acontece. Talvez por se tratar de uma mídia relativamente nova, ou por exercer um grande poder de atração e sedução sobre os alunos. A interatividade que estes ambientes oferecem também atrai. São interfaces de fácil compreensão e atrativas pela maneira que são apresentadas. Em tempo real, há a possibilidade de ir e voltar nos exercícios, revendo os erros e sendo avaliado durante este processo. Em sala de aula, a correção das atividades, na maioria das vezes, é coletiva, se tornando raras às vezes possíveis de avaliar a resolução de um exercício de forma individual. Percebe-se que o aluno deseja esta avaliação constante, que é possível nos exercícios *on-line*. Mas é de suma importância a socialização de todas as construções e aprendizagens realizadas no ambiente virtual, inclusive dos problemas encontrados.



Figura 09 – Alunos aplicando conteúdo em exercício *on-line*.

A participação em clube de correspondentes propiciou não apenas conhecimentos em relação à língua estrangeira, mas também culturais. Com os amigos virtuais, as janelas para um mundo desconhecido se abrem e as aprendizagens se realizam para além do objetivada em sala de aula, ultrapassando os limites dos muros escolares e ganhando a vida. O prazer nesta atividade está evidente em cada conversa virtual com o novo amigo, que é escolhido através de um perfil que todos os sócios do clube precisam preencher para poderem participar do mesmo (Figura 10). O aluno está

produzindo textos, empregando o que aprende em sala de aula e buscado o que ainda não sabe de uma maneira autônoma, com um objetivo claro e real. Uma vez no clube, é hora de escolher os *friends*, que podem ou não ser falantes nativos de inglês, e assim vão descobrindo que é possível trocar *e-mail*, por exemplo, com pessoas da Alemanha, sem falar alemão, e que poderão encontrar *sites* deste país totalmente em inglês.

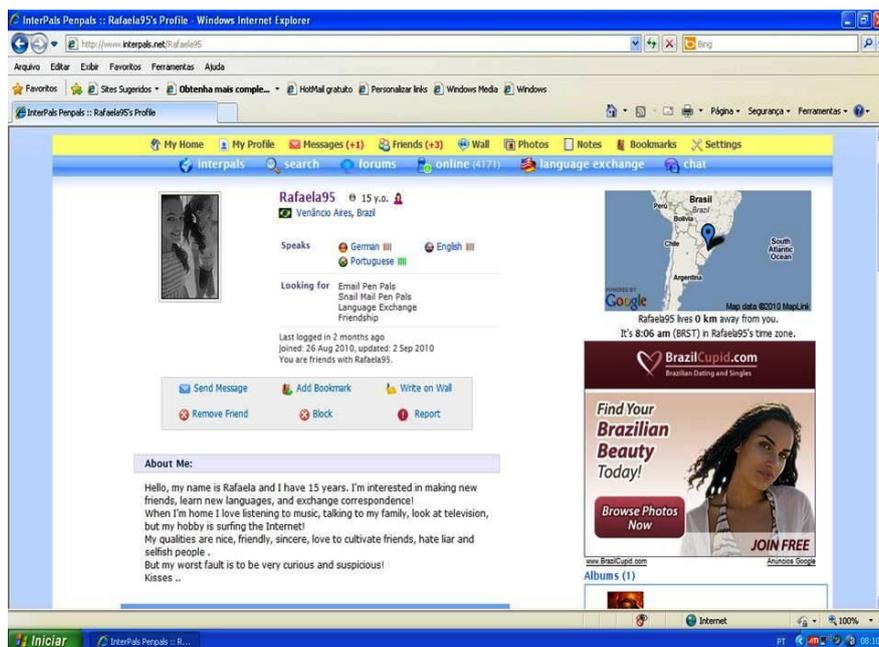


Figura 10 – Perfil de aluna em clube de correspondentes

Escolhidos os amigos virtuais, é hora de começar com a correspondência. Mesmo que no início o aluno faça uso do tradutor *on-line*, que está à disposição na Internet, e que também tem seus méritos, aos poucos ele vai percebendo que algumas construções irão se repetindo e que o tradutor não se faz necessário em todas as situações. Aos poucos, as conexões linguísticas, geográficas e culturais vão se aprimorando e novos conhecimentos sendo construídos na interação com pessoas do mundo inteiro. Depois de algumas correspondências, parece que são amigos de longas datas. Falam sobre os animais de estimação, preferências musicais, família, sonhos, sociedade e política. E como todos os eventos do clube são públicos aos participantes, fica fácil o monitoramento pelo professor, que precisa estar atento a tudo que acontece, mediando e orientando para que o objetivo da atividade se evidencie e para que realmente haja aprendizagem nestas correspondências. Por isso a importância dos momentos de socialização, de reflexões em grande grupo e da avaliação da atividade em relação ao objetivo proposto, que também deve estar muito claro para os alunos. Num desses

momentos, uma das alunas comentou que ficou com vergonha de ser brasileira quando um correspondente mencionou o fato da eleição de um palhaço para o congresso brasileiro (referência a eleição de 04 de outubro de 2010, quando o palhaço Tiririca foi eleito com mais de um milhão de votos). Este fato gerou uma longa discussão em sala de aula e despertou o interesse em conhecer o que o resto do mundo fala do nosso país.

Diferente de textos de livros didáticos, as versões eletrônicas de jornais da língua em foco (<http://www.bbc.co.uk/news/>, <http://www.nytimes.com/>), oferecem excelente material para ser explorado em aula. Com texto situado temporalmente e contextualizado, a leitura é feita com mais prazer. Saber como nosso país é visto mundo afora é um dos motivadores para esta atividade. Além de ler e interpretar, outras são as possibilidades. Ampliação do vocabulário, enfoque lingüístico, reescritas e produção de jornal da turma. Basta o professor ser criativo na mediação.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Como já foi mencionado anteriormente, as novas tecnologias encantam e seduzem. Assim, não foi surpresa constatar que a inclusão da Internet nas aulas de Língua Estrangeira trouxe resultados positivos. Os alunos aprovaram a mudança na metodologia das aulas e também julgaram positivo o uso do laboratório de informática e da Internet, confirmando-se que aprender línguas é bem mais significativo e atrativo com a inclusão desta nova mídia. Até quem antes não gostava da língua estrangeira, agora passou a considerá-la de outra maneira.

As turmas que já estão pelo segundo ano construindo aprendizagens usando a Internet como ferramenta pedagógica vêm apresentando um nível bem mais avançado em relação a turma do ano anterior. A complexidade dos textos trabalhados não é a mesma. E isso acarretou numa mudança na parte burocrática da docência. Planos de estudo e de aula tiveram que ser modificados para contemplar o nível dos educandos, que já se percebe bem mais elevada. Os alunos aprenderam a realizar leitura contextualizada, identificando elementos que podem ajudar na tradução do texto, como por exemplo, os verbos. Aprenderam a aplicar na prática, em situações significativas e reais, o que estão estudando em sala de aula.

Trabalhando nesta dinâmica interativa, o professor consegue acompanhar o crescimento dos alunos ao longo do processo e, conseqüentemente, a avaliação também rompe com seu paradigma convencional de ter enfoque apenas nos aspectos

quantitativos. Nestas interações, os aspectos qualitativos, onde se busca avaliar tanto os conhecimentos adquiridos, como também o interesse, a participação nas atividades e a mudança de hábitos pessoais e grupais, destacam-se. Mas este tipo de avaliação também gera mudança de postura do educador. Medir os conhecimentos através de provas periódicas do conteúdo trabalhado em aula parece ser mais cômodo. Para uma avaliação qualitativa, observações e interações ao longo do processo se fazem necessárias. Não há um momento específico para a avaliação. Tudo o que o aluno constrói precisa ser avaliado, e isso não pode ser quantificado. Tarefa nada fácil para um educador em turmas de adolescentes com mais de trinta alunos.

*“Não posso perder tempo, tenho conteúdo para vencer”*, ainda ecoa pelos corredores dos educandários com referência ao uso do laboratório. Com as atividades bem planejadas, o conteúdo programático da série não fica para trás. Vocabulário, gramática, leitura, pronúncia e produção escrita, em atividades lúdicas, prazerosas, estimulantes, que entretêm os alunos sem deixar de apresentar os conteúdos ditos mínimos para a série em questão, são possíveis de serem realizadas explorando a Internet.

Mas trabalhar com esta mídia não é tão simples assim. Exige muito trabalho e mudança de postura do docente. A Internet oferece muitas possibilidades que precisam ser experimentadas pelo professor antes de serem levadas para a sala de aula. É muito mais fácil trabalhar com um texto didático, fazer a tradução e questões de interpretação, do que realizar uma atividade em ambiente virtual, onde não há computadores para todos. O trabalho de grupo em turmas numerosas pode não ser muito fácil, e o objetivo da aula não ser alcançado, frustrando tanto professor como alunos. Outro fator que dificulta é o Linux (software livre) como sistema operacional nos laboratórios da rede pública. Os alunos que têm acesso ao computador fora do ambiente escolar usam o Windows (produto comercial criado pela Microsoft) e criam certa aversão àquele. Também nem sempre é tão simples evitar que os adolescentes se desviem do proposto para a aula e naveguem pelo ciberespaço livremente. Para evitar que isso aconteça, o professor precisa usar de muita perspicácia, construir normas com a turma, negociar.

Mas estes problemas são relevantes na caminhada, pois a Internet vem se mostrando uma possibilidade real para as aulas de línguas, mesmo em turmas numerosas e com apenas duas aulas semanais de 45 minutos. Aquele aluno que em sala de aula não senta para realizar uma atividade, no laboratório mostra-se capaz de gerenciar e construir conhecimentos, mesmo tendo que aprender a trabalhar em grupo

de maneira organizada, dividindo tarefas e socializando aprendizados. Poder-se-ia considerar como ideal que cada aluno tenha acesso individual a um computador. Mas o trabalho em grupo, no início bastante difícil de gerenciar, acaba criando interações que o trabalho individual não possibilita. Conhecimentos vão sendo socializados e novas aprendizagens construídas neste processo.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ensinar e aprender, na era da cibercultura, pressupõe processos mais flexíveis e abertos, onde aluno e professor encontram-se em permanente aprendizagem. Este colaborando para que aquele encontre seu espaço pessoal, sua identidade, para tornar-se um cidadão capaz de interagir nesta sociedade cibernética. Sem dúvida, ensinar na e com a Internet só chega a resultados significativos quando há também uma mudança no paradigma convencional. Neste ambiente, onde educador e educandos vivenciam processos de comunicação abertos, o professor não é mais o detentor das informações/conhecimentos. Ele é muito mais aquele que conduz e orienta para a busca das aprendizagens, que ele também vai realizando ao longo do processo. Então, na era da informatização, é fundamental que a escola faça uso das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) para favorecer o desenvolvimento de atividades cooperativas, instigando nos educandos a interação, a troca, a autonomia, a construção do conhecimento para que possam atuar com competência e dignidade na era do ciberespaço.

A Internet, se bem explorada, torna-se um recurso pedagógico que por seu potencial, contribui muito no processo ensino–aprendizagem da Língua Estrangeira. E nesse processo, o papel do professor é fundamental. Ele precisa de formação para se apropriar dessa tecnologia e introduzi-la na sala de aula, no seu cotidiano, da mesma forma que utiliza, por exemplo, o livro didático, mas sem deixar as outras tecnologias de comunicação de lado, com a certeza de que vamos continuar a ensinar e a aprender pela palavra, pelo gesto, pela emoção, pela afetividade, pelos textos lidos e escritos, pelas mídias impressas, pelo rádio e televisão, mas agora também pelo computador e pela Internet, que traz a informação em tempo real, com múltiplas escolhas e possibilidades de ir e vir.

Possibilidades que não se esgotam neste estudo, que apenas é o início de uma trajetória que busca mostrar que a escola pública pode se tornar um espaço de aprendizagem de uma língua estrangeira. E, para trabalhos futuros, pretende-se experimentar a implementação de projetos colaborativos, como a *Wiki* (uma ferramenta livre, baseada em ambiente virtual, que possibilita a criação colaborativa de conteúdo). E, neste projeto, incentivar a participação dos professores dos demais componentes curriculares, como também os pais, na produção colaborativa de informações não apenas em língua estrangeira, mas também em outras áreas do conhecimento.

## 7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. *Ludicidade como Instrumento Pedagógico*. Disponível em: <http://www.cdof.com.br/recrea22.htm>. Acesso em 05 de novembro de 2010.

BRASIL. *LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/19394.htm>. Acesso em 25 de março de 2010.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn\\_estrangeira.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf). Acesso em 25 de março de 2010.

DEMO, Pedro – *Pesquisa & Participação* In: Pesquisa Participante. Saber pensar e intervir juntos, Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

DUARTE, Rosália – (2002) *Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf> . Acesso em 04 de novembro de 2010.

FERREIRA, Margarida Elisa Ehrhardt : *A Utilização Do Blog Na Educação*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/2017/1/A-Utilizaccedilatildeo-Do-Blog-Na-Educaccedilatildeo/pagina1.html>. Acesso em 27 de março de 2010.

MARSHALL, D.; MOTTA-ROTH, D. e REIS, S.C. dos.: *Aprender inglês para a comunicação: a construção da Home Page Pessoal na WWW*. Disponível em: [https://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/sumario\\_calido/art05.pdf](https://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/sumario_calido/art05.pdf). Acesso em 27 de setembro de 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORAN, José Manuel. *Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo*. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/novtec.htm> . Acesso em 25 de março de 2010.

\_\_\_\_\_. *Como utilizar as tecnologias na escola*. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/utilizar.htm>. Acesso em 25 de março de 2010.

\_\_\_\_\_. *As possibilidades das redes de aprendizagem*. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/prof/moran/redes\\_aprendizagem.htm](http://www.eca.usp.br/prof/moran/redes_aprendizagem.htm). Acesso em 30 de março de 2010.

\_\_\_\_\_. *Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias*. (2009) Disponível em: <http://www.eca.usp.br/PROF/MORAN/UBER.HTM>. Acesso em 25 de março de 2010.

\_\_\_\_\_. *Novos desafios na educação - a Internet na educação presencial e virtual*. (2001) Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/novos.htm>. Acesso em 11 de setembro de 2010.

PERRENOUD, Philippe. (2001). *Ensinar : Agir na urgência, decidir na incerteza. Saberes e competências em uma profissão complexa*. Porto Alegre : Artmed

SNEYDERS, Georges. *Alunos felizes*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.